

Salto. Esta pode ser uma boa forma de simbolizar o atual momento da *Revista Epígrafe*, em seu terceiro ano de existência.

Do projeto embrionário de estudantes terceiroanistas de 2013 de criar uma publicação acadêmica de, por e para graduandos em História, nos moldes da revista *Primeiros Estudos* (Ciências Sociais-USP), até esta rica e sólida edição de número 3, muito caminho sem dúvida foi percorrido. Quantas não foram as reuniões, os e-mails trocados com autores e pareceristas, os fechamentos de edições e, sobretudo, os aprendizados inerentes a um trabalho em grupo?

De tudo isso, guardamos um grande orgulho desse projeto que, de maneira totalmente voluntária, fizemos nascer, manter de pé e criar-lhe asas. Que se confunde com as nossas próprias trajetórias de estudantes universitários.

Crescemos com a *Epígrafe*, a *Epígrafe* cresceu. Consolidamos a página no *Facebook* como um importante meio de divulgação da revista e de conteúdos pertinentes ao graduando em História ou Humanidades – eventos acadêmicos, arquivos digitais, artigos ou ensaios acadêmicos de consagrados historiadores, matérias da imprensa relacionadas à nossa disciplina etc. Conseguimos também uma penetração no meio estudantil de graduandos em História jamais sonhada: em nossa última chamada de trabalhos (em fevereiro e março deste ano), atingimos a marca recorde de sessenta submissões de textos, vindas de Norte a Sul do país: do Amazonas ao Rio Grande do Sul, do Paraná à Paraíba, do interior paulista ao litoral fluminense. Sobrepujamos em muito o círculo uspiano, desejo existente desde a concepção da *Epígrafe*, na contramão do elitismo e do bairrismo que não raro (para usar um eufemismo) estão presentes em nossa Universidade.

Isso não significa que tenhamos ignorado os vínculos com a comunidade do nosso próprio curso. Pelo contrário, temos procurado intensificar o diálogo com os graduandos em História da FFLCH-USP. Seja pelos cartazes com “epígrafes” de grandes historiadores sobre nosso ofício e nossa disciplina colados nos corredores para recepcionar as e os ingressantes

de 2016¹, seja na organização do seminário “Por que estamos no mesmo prédio?” com a coirmã *Revista Paisagens* (de graduandos em Geografia-USP), que buscou refletir sobre as relações entre os dois Departamentos que residem sobre este vão livre.

Contudo, sabemos que crescer sempre é um desafio. Se de um lado, flutuamos em mil ambições e ideias para desenvolver novos projetos e iniciativas, de outro as lides práticas chamam nossos pés ao chão. Organizar um evento, por exemplo, demanda muito esforço e dedicação, desde a reserva de salas até a comunicação com os palestrantes convidados e a preparação de certificados. No mesmo sentido, a maior parte dos nossos membros-fundadores atualmente já está aos poucos se desligando da *Epígrafe*, que pariram, e passando o bastão às novas gerações: à 2ª (entrada em 2014), à 3ª (em 2015) e à 4ª, que adentra agora, após a publicação desta edição. Manter a qualidade e a organização da *Epígrafe* com o passar do tempo será uma grande tarefa.

A *Epígrafe*, aliás, já nasceu sob esse signo. Conforme nos alertaram diversos professores da casa quando da nossa fundação em 2013, já foram editadas – ao menos – duas revistas acadêmicas de graduandos em História da USP: a impressa *Temporaes*, de 1992 a 1997, e a digital *Klepsidra* (<http://www.klepsidra.net/novaklepsidra.html>), de 2000 a 2006². Ambas padeceram da falta de continuidade a partir do afastamento dos seus grupos fundadores.

Assim, somos chamados a dar um salto, em nome do prosseguimento, da posteridade e da reinvenção da *Epígrafe*, mas conservando seu compromisso com o primor acadêmico e com o graduando em História. Perante essa aventura “dialética”, podemos ter um ou outro percalço. Porém, temos um firme amparo para tal missão: uma maravilhosa leva de novos e novas integrantes³, um público-leitor-autor sempre atento, crítico e interessado e o apoio inestimável de vários professores do nosso Conselho Editorial.

Por fim, não podemos deixar passar: em um momento em que nossa área é vista de maneira tão simplista e deturpadora por certos setores sociais e políticos; em que há tanta

¹ Para conferir as citações selecionadas, acesse: https://www.facebook.com/RevistaEpigrafe/photos/?tab=album&album_id=920898974690401

² Futuramente, pretendemos realizar algum evento ou entrevista com os membros dessas duas revistas, com quem já entramos em contato.

³ Escolhidos entre um grande número de excelentes candidatos, os quais não puderam ser todos selecionados em virtude da dificuldade organizacional de assimilarmos um número tão elevado de novos membros.

manifestação de ignorância histórica e ódio nas ruas e redes sociais; e em que o direito à educação é ameaçado por uma série de iminentes cortes e precarizações, é um privilégio poder fazer parte de uma entidade estudantil como a *Epígrafe*, um tesouro para o enriquecimento da formação de seus integrantes, autores e leitores como historiadores.

Que aproveitemos ao máximo essa oportunidade e a façamos persistir pelos tempos vindouros.



Em cada número da *Epígrafe*, entrevistamos um(a) grande historiador(a): já passaram por aqui Luiz Felipe de Alencastro, Maria Lígia Prado, Hilário Franco Júnior e José Jobson Arruda⁴. Desta vez, conversamos com um intelectual de uma área vizinha: Paulo Sérgio Pinheiro, cientista político da USP e estudioso e militante na área de Direitos Humanos. Na entrevista, Pinheiro trata da relação entre História e Ciência Política, do histórico autoritarismo no Brasil, das atuais ameaças de retrocesso nos Direitos Humanos no país. Também conta um pouco de sua atuação nas Nações Unidas, onde preside a Comissão Independente Internacional de Investigação para a República Árabe da Síria.

Esta edição contém uma resenha e dez artigos escritos por graduandos de Minas Gerais, do Paraná, de São Paulo (capital e interior), do Amazonas, do Rio de Janeiro e da Bahia e do Rio Grande do Sul. Entre eles, vemos resultados de pesquisas de fôlego, evidenciando vasto trabalho documental em arquivos. Vemos textos que trabalham com fontes artísticas, como a literatura de García Márquez e a música popular na radiofonia paulistana do começo do século XX. Vemos ainda vários trabalhos que, em comum, abordam questões raciais na História do Brasil. Em todos eles, enxergamos com satisfação e nitidez a centralidade que a pesquisa teve na trajetória de cada estudante universitário. Nada mais afim ao propósito de nossa revista.

Boa leitura!

⁴ É possível encontrar as entrevistas das edições anteriores em: <http://www.revistas.usp.br/epigrafe/issue/archive>.